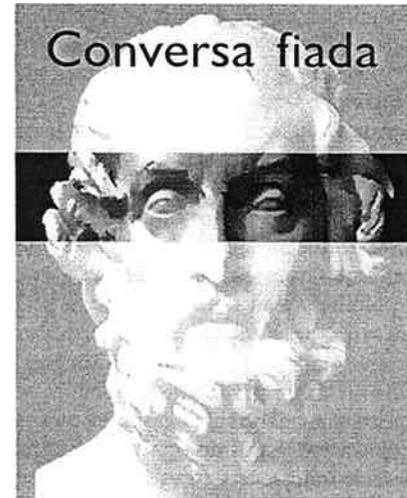




que andavam até então, na sua obra, separados ou mediocrementemente expressos. Não sei o que escolher no *Cancioneiro de D. Afonso*: “Cadeira de cura” (que sei de cor), “Aquarium de cirurgia”, “Zuiderzee”, “Modinha do exílio” (que sei de cor), “Sanfona do menor imperial”, em que aparece o *humor*, sempre oportuno em sua obra, “Valsa sobre temas do subúrbio carioca (também sei de cor), “Luar do sertão” (idem). Tenho a impressão de que, na obra de Ribeiro Couto, este é o único livro que ficará em bloco, embora *Cancioneiro do ausente* seja uma boa realização de maturidade. Nele se vê bem como o poeta assimilou o Modernismo com medida, sem perder a sua linha anterior, ao longo da qual evoluiu numa harmonia poucas vezes interrompida.



ANTONIO CANDIDO  
Notas de Crítica Literária

*Diário de S. Paulo,*  
22 de agosto de 1946.

A obrigação de escrever artigos semanais requer certo esforço, que em vão procuramos burlar. Leituras, notas, reflexões, às vezes releituras, encham o espaço entre um rodapé e outro, em meio às demais preocupações do cronista literário que não é apenas cronista literário e que gostaria de o ser, a fim de dar sempre aos leitores algum material aproveitável. Um leitor amigo vem salvar-me, esta semana, da obrigação de trabalhar com o suor no rosto, pois que me dá a ocasião de redigir, ao correr da pena, esta menos que crônica, para ele simples bilhete. Falo “leitor amigo” por causa do serviço que me presta, pois quis permanecer generosamente anônimo, aplicando à risca o preceito de que a fonte da caridade deve ser oculta.

Diz-me ele mais ou menos o seguinte: li o seu artigo sobre *Sagarana* atrasado como quase todos os seus artigos, e deparei com a afirmativa de que o conto *Hora e vez de Augusto Matraga* deve figurar doravante, entre os dez ou doze melhores da língua. Seria o senhor capaz de me dizer quais são os dez melhores contos da língua? Talvez os críticos devessem refletir melhor antes de distribuir galardões às novidades literárias com a facilidade quase irrefletida com que o fazem. Atenciosamente, \*\*\*.

\*\*\*

As palavras não foram bem estas, e aqui as resumo em essência; mas a assinatura foi tal e qual: \*\*\*. Devo confessar que ela me causou a



maior alegria do amável bilhete, porque me fez lembrar o que diz o velho Machado dos asteriscos, dando-lhe beleza inesperada e encantadora: “sinal trino, número de mistério, expresso por estrelas, que são os olhos do céu”.

A observação do leitor é justa. Volta e meia nos deixamos levar pelo entusiasmo de uma leitura nem sempre refeita, amadurecida, e gabamos em demasia certas obras que o tempo, desafiado de entusiasmos, enterra piedosamente, logo após. Não foi esta, deixem-me dizer desde já, a impressão que reformei numa segunda leitura do *Augusto Matraga*. Tenho para mim que os anos hão de passar e este conto há de permanecer. Relido, é ainda mais belo do que lido pela primeira vez, e na terceira leitura – que acabo de fazer – parece maior do que nas outras. Esta, a impressão pessoal que me ficou – impressão, seja dito, de quem não confia muito no próprio gosto e nunca se espanta de o ver contraditado pelos mais hábeis. No caso, fio menos nele do que no juízo para mim dos mais seguros do Brasil em matéria de ficção, o de Álvaro Lins, mestre de todos nós e entusiasta fervoroso de *Sagarana*, que foi o primeiro a indicar aos leitores como obra-prima.

Mas, ainda assim o meu correspondente estelar não deixa de ter razão, e talvez fique menos incomodado se chegarmos a um acordo. Eu diria, por exemplo, que *Augusto Matraga* será, daqui por diante um dos dez ou doze contos da minha preferência, em nossa língua, e aí está a nuance que um crítico deveria imprimir sempre aos seus julgamentos. Seria menos impositivo em relação aos leitores e mais prudente em relação a si mesmo, porque o nosso gosto varia, e poderemos ser levados a louvar amanhã o que hoje aborrecemos e vice-versa.

\*\*\*

Deste modo, já me acho habilitado a responder à questão de \*\*\*. Enumerarei, não os dez melhores, mas os dez contos de que mais gosto em língua portuguesa. É um exercício a que ele me obriga e pelo qual lhe sou reconhecido. Há cerca de um ano recebi a última de cinco ou seis cartas em que algumas caligrafias juvenis me perguntavam, juvenilmente, “quais os dez melhores romances do mundo” ou “do Brasil”; lembro-me que respondi a esses jovens correspondentes com a precaução que agora tomo, falando em termos de gosto pessoal e não de julgamento objetivo, depois de lhe sugerir o caráter meio sem-sentido da pergunta...

Para voltar ao assunto, direi duma vez por todas, quais os contos que, no momento e até nova ordem, prefiro em nossa língua, sem pretender que, além disso, sejam também os melhores: de Camilo, “A morgada de Romariz”; de Eça, “Singularidades de uma rapariga loira” e “José Matias”; de Machado de Assis, “O alienista” e “O espelho”; de Monteiro Lobato, “O Saci” (considerando conto esta maravilhosa história de crianças); de Mário de Andrade, “Nisia Figueira, sua criada” e

“Atrás da catedral de Ruão” (a sair brevemente nos *Contos novos*); de João Alphonsus, “Galinha cega” e, provavelmente, de J. Guimarães Rosa, “A hora e vez de Augusto Matraga”.

Como vê o meu correspondente, tenho o gosto mais ou menos igual ao de toda gente. Acresce que não sou muito dado a ler contos, não sei por quê, preferindo de muito o gênero mais fácil do romance. Mais fácil porque é possível escrever um belo romance sem ser um perfeito artista, e é impossível fazer a mesma proeza no conto, que, na exigüidade das suas dimensões, exige arte antes de mais nada.

Para essa pequena lista consultei apenas o meu prazer, maneira fácil e cômoda de descalçar uma bota doutra forma impossível de dar volta. Os dois outros critérios são muito mais falíveis, quais sejam o da importância literária da obra e o seu valor intrínseco.

Mesmo porque, importância e valor nem sempre andam juntos. Por exemplo: quais são os dez maiores romances brasileiros? Resposta possível do ponto de vista da importância em história literária: *O filho do pescador*, porque foi o primeiro. *A moreninha*, porque abriu a escola de temas ao mesmo tempo sentimentais e de costumes que iria dominar as nossas letras durante o Romantismo e nela perdurar até os nossos dias; *O guarani*, que implantou o indianismo; *A escrava Isaura*, pelo tema antiescravagista; *Coronel sangrado*, que, segundo Lúcia Miguel Pereira, introduziu entre nós o naturalismo; *Memórias de um sargento de milícias*, precursor do realismo; um qualquer de Bernardo Guimarães de tema regionalista; *Memórias sentimentais de João Miramar*, primeiro romance modernista; *Bagaceira*, precursor imediato do romance nordestino e *Fronteira*, marco decisivo do romance introspectivo de tendência espiritualista.

Lista, como se vê, bastante esquisita (embora muito da culpa possa caber a certo arbitrário da escolha) mas, parece-me defensável. Empregando o segundo critério, do valor intrínseco, as aparências melhorariam, posto que o relativismo continuasse. Com efeito, tratar-se-ia de uma combinação do primeiro critério com o terceiro, importância mais gosto pessoal do classificador. Procurando abstrair o meu e consultar a lição do tempo e dos entendidos, proponho a \*\*\* que não a pediu, a seguinte lista, a título de exemplo: *O guarani*, *Dom Casmurro*, *O cortiço*, *O Ateneu*, *Policarpo Quaresma*, *Canaã*, *S. Bernardo*, *Bangüê*, *Jubiabá* e *Mundos mortos*. Lista respeitável, que pode satisfazer à medida dos leitores amantes do critério do valor objetivamente aplicado. Como se vê, ela tem apenas um livro em comum com a primeira, a saber, *O guarani*; quanto ao mais, tudo novo.

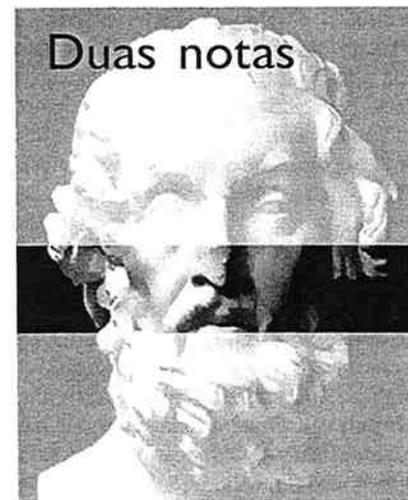
Caberia, antes da subjetiva, uma outra lista, variante da anterior, baseada na repercussão e influência dos livros. O de Manuel Antonio de Almeida, por exemplo, seria posto de lado, pois embora tenha a importância de se antecipar ao realismo, quase ninguém tomou conhecimento dele ao tempo em que saiu a lume, e praticamente não influenciou em ninguém.



Se ficarmos apenas com o nosso gosto individual, faremos chegar ao infinito as possibilidades de variação. Neste capítulo, em que a ninguém é dado a discutir, Cervantes pode ombrear com Cláudio de Sousa e Dostoiévski com Ivan Pedro de Martins. Por isso mesmo, é desnecessário pensar muito: basta consultar a inclinação. Seja dito de passagem que isto nem sempre é fácil e frequentemente ficamos indecisos entre duas leituras queridas, temendo ser ingratos ou condescendentes. As mais das vezes, não conseguimos arranjar os dez volumes geralmente pedidos nas listas, pela boa razão que raramente temos dez romancistas prediletos... Tenho um amigo que resolvia o problema formando a lista com cinco romances de Conrad e cinco de Thomas Mann, de outro, penso que seria capaz de repetir, cinco vezes cada um, dois de Stendhal. Um outro, mais radical ainda, responderia escrevendo dez vezes o nome do romance de Proust, coisa que, houve tempo, também eu seria capaz de fazer.

No caso do romance brasileiro, não conheço nenhuma paixão tão absorvente que levasse a excluir nove romancistas em proveito de um só. Talvez Machado de Assis seja o único a receber preito semelhante, mas não creio que seja o companheiro ideal para povoar, com exclusividade, a solidão da ilhota deserta sugerida nos questionários das revistas norte-americanas. Não há dúvida, porém, que seria possível habitá-la com o concurso apenas de romancistas nossos, contanto que o rol fosse mais variado.

A prosa fiada nos levou longe do conto e perto do fim da minha quinta lauda. Amável correspondente, que me trouxe tão levemente ao cabo da tarefa semanal! E que me fez gostar tanto da prosa que não resisto à tentação de acabá-la com a lista das listas, respondendo mais do que ele me pergunta e, provavelmente, me expondo ao seu enfado, a lista dos “meus” romances brasileiros. Assim acabamos de vez, já que não meto a dos romances em outras línguas – cinco ou seis prediletos. Mas vamos com isto: *Quincas Borba*, *O Ateneu*, *Casa de pensão*, *Memórias sentimentais de João Miramar*, *São Bernardo*, *O amanuense Belmiro*. Podia pôr mais alguns para completar dez: dois, por exemplo, que muito amo como *Fogo morto* e *Jubiabá*, mas confesso que são estes oito os que mais viveram ou vivem comigo. E também outros dois que não são romances, porque se fossem lá estariam, *Iracema* e *Macunaima*. E peço mil perdões aos leitores que nada têm a ver com a minha correspondência privada. A culpa é do meu correspondente, que como o frade de Machado de Assis, se encortinou nas estrelas.



ANTONIO CANDIDO  
Notas de Crítica Literária

*Diário de São Paulo*,  
16 de janeiro de 1947.

I  
Em Machado de Assis há certas coisas que só mesmo chamando demoníacas. Haja vista os sadismos de desforra, já mencionados numa nota precedente, a pachorra com que humilha os personagens. Como há em todo leitor uma tendência inevitável para se meter na pele destes, o sentimento que nos toma é quase de inibição diante da página aberta. Assim, como vemos em todo morto uma possibilidade de destruição da nossa própria vida, as situações humilhantes dum personagem constituem provocação dolorosa para a nossa dignidade. E Machado prima, como ninguém, na invenção de circunstâncias e episódios que mortificam, não apenas a humanidade de cada personagem, como de todos os homens. No primeiro caso, mais simples, está a decadência de Rubião, tanto mais dolorosa para nós quanto inconscientemente sofrida pelo pobre diabo – como se Machado nos quisesse mostrar que o homem é sempre juguete dos fados, ridículo e mesquinho, independentemente da consciência que possa ter da sua vida.

Um exemplo de segundo caso – mais transcendente – é a invenção realmente macabra do par de gêmeos, no *Esau e Jacó*, mais o complemento inevitável da pobre Flora, metida entre ambos. É como se o romancista desse corpo a uma antinomia insolúvel, tendo ao meio um pobre raciocínio incapaz de resolvê-la, e jogado por isso de um lado para o outro. Com o par de gêmeos e a pobre Flora, Machado de Assis coroa a sua filosofia dos limites, das fronteiras. Posto na linha divisória dos problemas, o homem machadiano tem vista para os dois lados